REVISTA RAÍDO

OPEN ACCESS

UFGD

DOI: 10.30612/raido.v19i47.19803

O envelhecimento feminino na poesia infantil de Cecília Meireles: uma análise de quatro poemas de *ou isto ou aquilo*

Female aging in Cecília Meireles' children's poetry: an analysis of four poems of or this or that

Telma Borges da Silva
E-mail: teopretinha@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9019-5053

Fernanda Gonçalves Ramos
E-mail: teopretinha@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0004-5464-4298

Maria Eduarda Silva Martins
E-mail: teopretinha@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0009-0006-6322-7503

Resumo: O presente trabalho investiga a representação da velhice e da solidão no livro *Ou Isto ou Aquilo*, de Cecília Meireles, cuja primeira publicação ocorreu em 1964. Pretendemos analisar como os quatro poemas selecionados constroem as figuras femininas e suas relações com o mundo, evidenciando resquícios de um Brasil escravista, a memória, a passagem do tempo, a solidão, o envelhecimento e as dinâmicas histórico-sociais nas quais o feminino se insere de diferentes formas no mundo. Fundamentado em aportes teóricos de Antonio Candido (1965), Angela Davis (2016), Ecléa Bosi (1994) Simone de Beauvoir (1990), o estudo problematiza a condição da velhice marcada pelas relações desiguais, pelo silenciamento e pelo abandono. Além disso, destaca-se o papel da literatura infantil como espaço de formação de sensibilidades

e reflexões sobre temas existenciais, desafiando concepções reducionistas que restringem essa literatura à ludicidade.

Palavras-chave: Cecília Meireles; *Ou isto ou aquilo*; Envelhecimento feminino; Literatura Infantil e juvenil; Estudos de Gênero.

Abstract: This work investigates the representation of old age and loneliness in the book *Ou Isto ou Aquilo*, by Cecília Meireles, whose first publication occurred in 1964. We intend to analyze how the four selected poems construct female figures and their relationships with the world and its surroundings, highlighting remnants of a slave-owning Brazil, memory, the passage of time, loneliness, aging and the historical-social dynamics in which the feminine is inserted in different ways into the world. Based on theoretical contributions from Antonio Candido (1969), Angela Davis (2016), Ecléa Bosi (1994) Simone de Beauvoir (1990), the study problematizes the condition of old age marked by unequal relationships, silencing and abandonment. Furthermore, the role of children's literature stands out as a space for the formation of sensibilities and reflections on existential themes, challenging reductionist conceptions that restrict this literature to playfulness.

Keywords: Cecília Meireles; *Ou Isto ou Aquilo*; Female aging; Children's and young adult literature; Gender Studies.

1 INTRODUÇÃO

Cecília Meireles foi uma imponente força na criação literária do século XX, sendo uma das primeiras mulheres a ser inserida no cânone literário Brasileiro, que até então se restringia – *com salvas exceções* – à escrita produzida por homens. A grande autora e educadora se canonizou como uma escritora que destinaria muitas de suas obras ao público infantil. O possível aspecto pedagógico que a obra de Cecília oferece é muito bem estabelecido e compreende-se o grande interesse por parte dos estudiosos da área e na prática literária do ensino fundamental. Em chave contrária a esse direcionamento, o presente trabalho se propõe a analisar os poemas “A babá do menino”, “A avó do menino”, “A língua do nhem” e “Duas velhinhas”, de *Ou isto ou aquilo*, como produções literárias sem a hifenização infantil e juvenil. Levamos em consideração o trabalho estilístico, lírico, as temáticas, a produção por uma autora adulta e a apropriação da leitura por um público adulto. Para tanto, nos apoiamos nas reflexões de Graça Paulino, em diálogo com Diogo Lindeza, quando afirma: “Como todos (os livros infantis e juvenis) são produzidos por adultos, e legitimados criticamente por adultos, infantis ou juvenis seriam apenas aqueles apropriados e conquistados por leitores não adultos.” (Paulino, 2004, p. 56)

Explorando a relação entre temas como a solidão, o envelhecimento e as disparidades sociais, nossa análise busca destacar como a autora constroi imagens poéticas que conjugam ludicidade no plano de expressão e melancolia no plano de conteúdo. Por meio desses poemas, Cecília Meireles utiliza arquétipos femininos para questionar as posições socialmente impostas às mulheres, especialmente no que diz respeito à solidão e à invisibilidade que frequentemente acompanham o envelhecimento. A análise pretende evidenciar, ainda, como a obra transcende o universo infantil, abordando questões universais e reflexivas sobre a condição feminina.

A abordagem teórica proposta para a presente análise se baseia no ensaio “Crítica e Sociologia”, presente em *Literatura e Sociedade*, de Antonio. Nesse ensaio, Candido propõe uma crítica literária que seja sociologicamente orientada, mas sem ignorar outros componentes do texto. No contexto da crítica literária, a abordagem proposta pelo autor oferece uma perspectiva integradora para a análise de obras, destacando a importância de compreender a literatura como um sistema complexo e orgânico. As divisões entre esses elementos perdem relevância no nível da análise crítica, uma vez que todos se transformam em “fermento orgânico”, contribuindo para a diversidade coesa do todo literário. Segundo o autor,

> [o] elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo. (Candido, 2006, p. 16)

A literatura infantil desempenha um papel essencial na formação das percepções da criança sobre o mundo, constituindo um espaço privilegiado para a construção da sensibilidade e do imaginário. Dentro desse universo, *Ou isto ou aquilo*, publicado em 1964, consolidou-se como um marco na poesia infantil, destacando-se pelo compromisso com o lúdico, a musicalidade e a visão sensível da infância. Mas a obra se distancia da tradição pedagógica predominante à época, promovendo uma experiência poética que transcende o caráter meramente didático. Outro ponto importante a ser considerado é a forma como Cecília Meireles se afasta das narrativas infanto-juvenis de tons moralizantes, como antes se dava neste tipo de literatura. Sobre a temática, Norma Ferreira afirma:

> Na história do gênero literatura infantil, *Ou isto ou aquilo* é considerada uma obra que rompe com uma tradição ligada exclusiva e predominantemente à produção de poemas recheados de conselhos, normas, ensinamentos, orientados por uma pedagogia com valores tradicionais, predominantes até a década de 1960. (Ferreira, 2009, p. 188)

Por fim, o estudo de *Ou Isto ou Aquilo* permite compreender a profundidade estética da obra, observando como a escritora constroi imagens poéticas que transcendem o universo infantil e dialogam com temas universais. Entre esses temas, destacam-se a dualidade das escolhas, a efemeridade do tempo e a representação da figura feminina, elementos que conferem à obra uma dimensão filosófica e reflexiva.

2 OLHARES CRÍTICOS SOBRE *OU ISTO OU AQUILO*

Publicado originalmente em 1964, *Ou isto ou aquilo* tornou-se um clássico da literatura infantil brasileira, sendo reeditado diversas vezes. Para este ensaio, utilizaremos a edição de 2002, ilustrada por Thais Linhares, que acrescenta novas camadas de interpretação visual às poesias da autora. Ferreira (2009), ao navegar entre as diferentes edições de *Ou isto ou aquilo*, afirma que “Ou, ainda, reconhecer como determinado livro que esteve (ou está) em circulação, com grande sucesso entre seus

leitores, traz inscritas, em suas diferentes edições, marcas dos agentes envolvidos em seu processo de composição.” Desta forma, compreendemos em nossa pesquisa, que a leitura de cada edição será diferente, visto que surgem novas camadas interpretativas e a relação da sociedade daquele momento para com o livro também muda.

A crítica literária destaca a capacidade de Cecília Meireles de traduzir a psicologia infantil em versos que capturam a magia do imaginário das crianças. Como aponta Azevedo Filho (1970), a poetisa estruturou a obra considerando elementos essenciais da infância, como o pensamento pré-lógico, a fabulação, o realismo intelectual e a visão impressionista típica dessa fase. Esse processo confere aos poemas um alto poder sugestivo e estético, transformando a obra em uma experiência lírica singular. No entanto, é importante ressaltar que *Ou Isto ou Aquilo* não se limita a ser «apenas» um livro infantil. Apesar de ter sido escrito com uma linguagem acessível e lúdica, a obra transcende esse público ao abordar temas universais como o passar do tempo, a efemeridade da vida, as escolhas e a condição humana. Ainda segundo o estudioso, os poemas da coletânea não apenas dialogam com a infância, mas também carregam mensagens que podem ser interpretadas em diferentes camadas, alcançando leitores adultos.

A intertextualidade, o jogo de imagens poéticas e a musicalidade dos versos fazem com que a obra se aproxime da tradição lírica universal, conferindo-lhe um valor que ultrapassa o caráter didático frequentemente associado à literatura infantil. Essa plurissignificação, descrita por Jakobson (*apud* Bordini, 1991), reforça a poeticidade do texto e permite que cada leitor, independente da idade, encontre nele diferentes sentidos e experiências estéticas.

Dessa forma, *Ou Isto ou Aquilo* revela-se uma obra complexa e multifacetada que, ao mesmo tempo em que encanta o público infantil com sua ludicidade e ritmos envolventes, provoca reflexões profundas sobre a vida e o tempo. A edição de 2002, com as ilustrações de Thais Linhares, contribui para essa dimensão interpretativa, agregando novas formas de leitura visual às imagens construídas pelos versos de Cecília Meireles.

3 O FEMININO, O PODER E A RAÇA

O primeiro poema a ser analisado é “A Cantiga da Babá”, no qual a representação do papel socialmente pré-definido para a mulher subalterna é um dos eixos

centrais de nossas considerações. No contexto da literatura infantil, Cecília Meireles apresenta personagens femininas que, apesar da aparente delicadeza da obra, refletem estruturas sociais marcadas por desigualdades históricas. Vamos ao poema:

A Cantiga da Babá

Eu queria pentear o menino
como os anjinhos de caracóis.
Mas ele quer cortar o cabelo,
porque é pescador e precisa de anzóis.

Eu queria calçar o menino
com umas botinhas de cetim.
Mas ele diz que agora é sapinho
e mora nas águas do jardim.

Eu queria dar ao menino
umas asinhas de arame e algodão.
Mas ele diz que não pode ser anjo,
pois todos já sabem que ele é índio e leão.

(Este menino está sempre brincando,
dizendo-me coisas assim.
Mas eu bem sei que ele é um anjo escondido,
um anjo que troça de mim). (Meireles, 2002, p. 72)

Figura 1: Ilustração da babá por Thais Linhares



Fonte: Meireles, 2002, p. 72.

Nesse poema, observamos a representação de uma figura feminina subalterna, que ocupa o lugar do serviço e do cuidado. A babá, mesmo sendo o eu lírico, está inserida em uma relação de poder assimétrica, o que remete à histórica condição de mulheres negras no contexto social e trabalhista brasileiro. A ilustração reforça essa leitura ao representar a babá como uma mulher negra, rememorando o passado escravista no qual essas mulheres eram forçadas a cuidar dos filhos de seus senhores. Essa condição de subalternidade é analisada por Angela Davis em seu livro *Mulheres, raça e classe* (2016), no qual destaca que “a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa.” (Davis, 2016, p. 17)

O verbo “queria”, conjugado no pretérito imperfeito, assinala o desejo da babá de ver a criança sob um olhar idealizado, conferindo-lhe uma imagem angelical. No entanto, o menino rejeita essa projeção ao afirmar que “precisa de anzóis”, que “já mora na água” e que não pode ser anjo porque já é “índio e leão”. A liberdade imaginativa da criança contrasta com a posição limitada da babá, cuja voz e anseios não encontram eco. Também podemos ler nesta análise como as relações de poder e raça estão internalizadas. Acima da hierarquia adulto-criança está a hierarquia de raça e classe. Dessa forma, o poema não apenas trabalha a relação entre infância e fantasia, mas também denuncia a posição social subalternizada em que as mulheres – *especialmente as mulheres negras* – enfrentavam e ainda enfrentam em nossa sociedade.

No verso final, a “troça” do menino volta a sugerir a desigualdade inerente a essa relação. A criança, por estar em uma posição de privilégio, utiliza-se de zombarias e parece saber reconhecer a dinâmica de poder socialmente instaurada, de forma consciente ou não; enquanto a babá permanece em um papel de serviçal, sem o poder de reverter essa dinâmica. Esse poema expressa, com notável ludicidade, a relação entre cuidadora e criança, evidenciando o contraste entre o afeto dedicado e a falta de reciprocidade simbólica que, mais profundamente, pode representar estruturas sociais e relações de poder históricos. Aqui, a autora apresenta rimas musicalizadas, construções metafóricas e jogos simbólicos com o léxico de forma majestosa; ao mesmo tempo em que trata de temas socialmente relevantes e que não devem passar despercebidos.

4 A MULHER, O ENVELHECIMENTO E A MEMÓRIA

Se no poema anterior a figura feminina é abordada a partir da perspectiva da subalternidade, associada ao trabalho, no poema “A Avó do Menino”, a mulher assume um novo papel: o materno. A posição hierárquica se distancia nessa nova interação através do dístico jovialidade e a maturidade. Aqui se observa, na verdade, um deslocamento, pois para se tornar avó é preciso deixar de ser mulher, evidenciando as interseções entre feminilidade, velhice e solidão ao abordar o papel da mulher idosa na construção de vínculos familiares e na preservação das tradições e lembranças. Eis o texto:

A avó do menino

A avó
vive só.
Na casa da avó
o galo liró
faz “cocorocó!”
A avó bate pão-de-ló
E anda um vento-t-o-tó
Na cortina de filó.

A avó
vive só.
Mas se o neto meninó
Mas se o neto Ricardó
Mas se o neto travessó
Vai à casa da avó,
Os dois jogam dominó.
(Meireles, 2002, p. 51)

Figura 2: Ilustração de A avó e o menino por Thais Linhares



Fonte: Meireles, 2002, p. 51.

Alguns simbolismos que aparecem neste poema se dão através da dualidade, tanto do saber que advém do ato de envelhecer, e consequente experiência, *versus* a imaturidade do menino “travessó” – *como nos indica a autora* – quanto em relação à ponte que se cria entre a infância e a velhice. O dominó também pode ser interpretado como um elemento de preservação da memória e uma conexão entre os jogadores. Há o cuidado, por parte do menino, que se esforça em resgatar a memória da avó solitária, cuja solidão se manifesta na repetição dos versos “a avó/vive só” no início das duas estrofes do poema. Ecléa Bosi, em M*emória e Sociedade*: lembranças de velhos, aborda assim a temática:

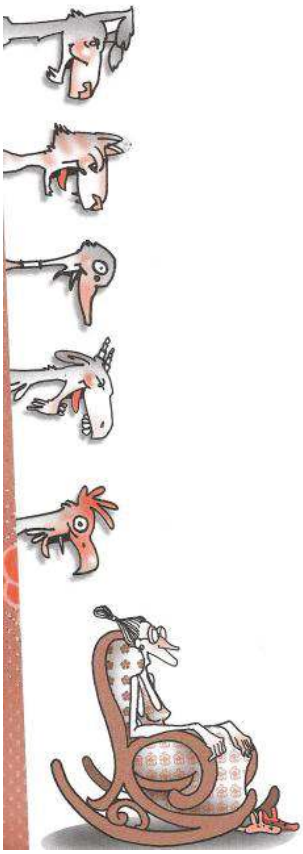
> Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. (Bosi, 1994, p. 55)

A casa é descrita por elementos simples como o galo que canta e o vento que movimenta a cortina, sugerindo uma rotina pacata e repetitiva, sem grandes acontecimentos ou muitas interações humanas. Entretanto, há uma mudança significativa quando o neto aparece. A presença da criança desperta algo na avó: a memória-tra-

balho – *termo apresentado por* Éclea *Bosi* – que é reavivada. O ato de jogar dominó com o neto simboliza a quebra da solidão e a ativação de lembranças e habilidades que, na ausência de estímulo, pareciam adormecidas. O neto não só traz movimento e energia à casa da avó, mas também resgata nela um papel ativo, um sentido de utilidade e alegria. Esse neto, através de sua própria imaturidade, convida a avó a embarcar com ele nessa jornada. O papel de obsolescência conferido ao idoso – *algo que se destaca na primeira parte do poema* – é deixado para trás. A avó, que antes já foi mulher, volta a ser menina. A figura do neto é enfatizada com diferentes adjetivos – "meninó", "travessó" – que reforçam a vitalidade da criança e a sua capacidade de transformar o ambiente ao redor. Ao interagir com ele, a avó recupera um pouco do dinamismo que sua solitária e pacata rotina não permitia.

5 O FEMININO, O ENVELHECIMENTO E A PALAVRA

Figura 3: Ilustração de A língua do nhem por Thais Linhares



Fonte: Meireles, 2002, p. 64.

A língua do Nhem

Havia uma velhinha
que andava aborrecida
pois dava a sua vida
para falar com alguém.

E estava sempre em casa
a boa velhinha
resmungando sozinha:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem…

O gato que dormia
no canto da cozinha
escutando a velhinha,
principiou também

a miar nessa língua
e se ela resmungava,
o gatinho a acompanhava:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem…

Depois veio o cachorro
da casa da vizinha,
pato, cabra e galinha
de cá, de lá, de além,

e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem…

De modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia
nem falar com ninguém,

ficou toda contente,
pois mal a boca abria
tudo lhe respondia:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem…
(Meireles, 2002, p. 63-64).

Neste poema, o eu lírico trata de uma nova personagem feminina, que é nomeada como “a velhinha”, a qual, aparentemente, vive isolada, como afirmam os versos “pois dava a sua vida/para falar com alguém”. O exagero ao utilizar o vocábulo vida como moeda de troca reforça a importância da socialização através da fala. Aqui, a solidão atravessa as fronteiras da realidade e se eleva à loucura. Podemos inferir a quebra com a realidade quando na quinta estrofe o eu lírico afirma que os animais que surgiram vinham “de cá, de lá e do além”. A utilização do “além” como algo espiritual reforça a ideia de que essas conversas não se aplicam ao campo da realidade. Se nos poemas anteriores acompanhávamos personagens que ocupavam determinadas posições sociais – *sejam elas trabalhistas ou maternais* – neste poema, quase que como em contraponto, observamos uma personagem que não possui função social alguma, é quase como se a humanidade e a utilidade dela se dissolvessem pela falta do exercício da fala que, por sua vez, representa os vínculos sociais humanos.

A repetição do resmungar “nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem” pode ser interpretada, a priori, a partir da linguagem perdida, dando lugar ao grunhido. Se na literatura é comum a personificação através de humanização de objetos e coisas, aqui o movimento é contrário, o humano se torna a coisa/animal. O eu lírico afirma que “tudo lhe respondia”. A escolha da palavra “tudo”, em detrimento da palavra “todos”, contribui para a interpretação de que a escolha evidente por não incluir o humano insere a velha em um ambiente no qual a humanidade se torna vicária. Ao acrescentar as ilustrações à nossa análise, percebemos que os animais são os únicos a terem boca, enquanto a velhinha não tem. A falta desse órgão representa a falta da linguagem verbal.

Se analisarmos um pouco mais a fundo, há outras duas escolhas lexicais importantes: o verbo resmungar é um deles e significa pronunciar confusamente, rosnar, grunhir. Rosnar é comum ser utilizado para indicar o som surdo, em sinal de ameaça, arreganhando os dentes, que certos membros da fauna, como o javali e o porco, emitem. Grunhir pode ser compreendido como a voz dos animais. Esses sinônimos, portanto, reforçam a ideia de animalização da velhinha, que passa a ser entendida pelos animais e a tê-los como interlocutores. Já a “melodia” ao invés de “canção” torna ainda mais complexa essa quase metamorfose da velhinha. No campo da música, a melodia é a combinação de notas ou sons na formação da harmonia musical, a qual segue um ritmo em diferentes intervalos. É com frequência compreendida como a voz da música. A canção, por sua vez, está associada à voz que se expressa na letra (linguagem verbal) ou na técnica vocal conhecida como *boca chiusa*, expressão italiana para quando se canta com a boca fechada.

A falta de um interlocutor, portanto, cria a necessidade de direcionar a fala aos animais, que iniciam apenas como ouvintes, mas à medida que a loucura se instala, estes, por sua vez, também começam a replicar a língua do “nhem”. Isso se confirma nos seguintes versos: “O gato que dormia / no canto da cozinha / escutando a velhinha / principiou também”. Simone Beauvoir tece algumas reflexões acerca do tema da solidão de envelhecer em seu texto “A Velhice”:

> A velhice denuncia o fracasso de toda a nossa civilização. É o homem inteiro que é preciso refazer, são todas as relações entre os homens que é preciso recriar, se quisermos que a condição do velho seja aceitável. Um homem não deveria chegar ao fim da vida com as mãos vazias, e solitário (Beauvoir, 1990, p. 664)

Nesse poema, a representação do feminino e sua representação se dão pelo isolamento, pela solidão e pela exclusão de experiências sociabilizadoras que levam a idosa à loucura, ou a uma quebra com a realidade. A velhinha também já foi mulher e humana e o processo de animalização acontece a partir da reclusão.

5 A VELHICE E A MEMÓRIA

No poema “As duas velhinhas” o perfil da solidão e a relação entre preservação da memória e da infância estão muito presentes.

Figura 4: Ilustração de As duas velhinhas por Thais Linhares



Fonte: Meireles 2002, p. 37.

As duas velhinhas

Duas velhinhas muito bonitas,
Mariana e Marina,
estão sentadas na varanda:
Marina e Mariana.

Elas usam batas de fitas,
Mariana e Marina,
e penteados de tranças:
Marina e Mariana.

Tomam chocolate, as velhinhas,
Mariana e Marina,
em xícaras de porcelana:
Marina e Mariana.

Uma diz: “Como a tarde é linda,
não é, Marina?”
A outra diz: “Como as ondas dançam,
não é Mariana?”

“Ontem, eu era pequenina”,
diz Marina.
“Ontem, nós éramos crianças”,
diz Mariana.

E levam à boca as xicrinhas,
Mariana e Marina,
as xicrinhas de porcelana:
Marina e Mariana.

Tomam chocolate, as velhinhas,
Mariana e Marina,
em xícaras de porcelana:
Marina e Mariana. (Meireles, 2002, p. 36)

Marina e Mariana parecem estar isoladas e em “desuso”, pois não servem a um propósito social. A semelhança entre este e o poema anterior se dá através da fraternidade desses dois sujeitos que traçam uma viagem melancólica e nostálgica em seus diálogos, como nos trechos “ontem eu era pequenina/ontem nós éramos crianças”. A lembrança, especialmente a lembrança da infância, parece ser o elo que une essas duas personagens. É tempo não mais de viver, mas sim de recordar. Nas quatro primeiras estrofes, percebemos o tempo presente; entretanto, a partir da quinta estrofe, o reforço é em direção ao passado. Conforme Ecléa Bosi,

> [c]ada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado. (Bosi, 1994, p. 413)

Ao tecermos análises acerca das ilustrações, vemos que as velhinhas são desenhadas portando adereços infantis, como os laços nos cabelos. Outro elemento é a xícara personificada podendo representar tanto a fragilidade quanto a importância. A xícara de porcelana é delicada, ao mesmo tempo que um objeto de estimado valor. A infância, por sua vez, é sensível e efêmera. O mar aparece de algumas formas como simbologia tanto nos nomes das velhinhas “MARiana” e “MARina”, quanto em outros versos como em “Como as ondas dançam”. O movimento das ondas pode representar a passagem do tempo, assim como o aquilo que vai e volta, ou seja, a memória e assim também como o mar, que é o mesmo desde sempre, embora seja fluído e se renove a cada movimento. As velhinhas relembram e se movimentam ao se recordarem de suas juventudes, apesar de, supostamente, estarem confinadas em um espaço de reclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar este conjunto de quatro poemas para este artigo, perspectivando literatura e sociedade, afastamos um pouco *Ou isto ou aquilo* da crítica e dos usos que o consagraram como literatura infantil, uma vez que as questões de fundo – *um tanto quanto fortes e enraizadas na cultura nacional* – suplantam a forma breve, musical, lúdica e singular desses versos. O diálogo com as imagens da edição de 2002, ilustrado por Thais Linhares, acrescentou camadas discursivas aos poemas, pois se estudássemos esses poemas em outras edições da referida obra, os resultados, é bem provável, seriam diferentes. Neles, há fortes resquícios da escravização no Brasil; a solidão na velhice e os vínculos com a infância; o silenciamento e a exclusão social que animalizam a mulher idosa, levando-a à loucura; a vida reclusa, ancorada na memória, como único meio de ultrapassar os limites espaciais e aqueles impostos aos corpos envelhecidos.

Portanto, parece-nos haver em *Ou isto ou aquilo* uma questão de fundo e forma produtora de uma ambivalência segundo a qual contemplamos aspectos próprios da infância, como o cuidado com a criança, a relação entre avó e neto, uma língua inventada, ao mesmo tempo em que vislumbramos questões estruturais da sociedade brasileira, tais como relações assimétricas de poder entre a criança branca e a babá negra; o isolamento da idosa e a exploração do seu tempo "ocioso" para cuidar da criança na ausência dos pais; o silenciamento e a invisibilização da velhinha com sofrimento mental; e a reclusão espacial de mulheres consideradas improdutivas para o trabalho e para a reprodução, tais como Marina e Mariana.

Afirmamos, portanto, que, apesar de *Ou isto ou aquilo* ser uma obra direcionada ao público infantil e performar elementos chave do gênero, como a efabulação, as rimas e a musicalidade; as construções lexicais e fonéticas que brincam com a palavra trazendo ludicidade, além de ilustrações, não se resume a isso, sendo na verdade uma escrita composta por temáticas maduras e socialmente relevantes. O livro, que a priori parece "inocente", carrega em si denúncias profundas acerca de problemas sociais que podem passar despercebidos aos olhos da criança. Diante do exposto, reiteramos que o livro, lido por adultos, transforma-se em outra obra, porque analisada a partir de perspectivas sociais que a leitura infantil ainda não alcança.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Poesia e estilo de Cecília Meireles* (a pastora de nuvens). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1970.

BEAUVOIR, S. *A Velhice.* Trad. Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

DAVIS, Angela, *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERREIRA, Norma. Um estudo das edições de Ou isto ou aquilo, de Cecília Meireles. *Revista Pro-Posições*, vol. 20, núm. 2, 2009, p. 185-203.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2007.

MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. 6. ed. Ilust. Thais Linhares. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 17, núm. 1, 2004, p. 47-62.

Telma Borges é docente na Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – CEALE; coordenadora do GPELL – Grupo de Pesquisa e Extensão do Letramento Literário; Vice-coordenadora do GEPLI – Grupo de Estudos e Pesquisa em Literatura Infantil, coordenadora do Comitê Gestor do Programa Ações Afirmativas e vice coordenadora do curso de Educação do Campo. Fez pós-doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina investigando conexões entre literatura infantil e relações étnico-raciais. É sócia correspondente da Academia de Letras do Noroeste de Minas, com sede em Paracatu, e da Academia de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Teófilo Otoni – MG.

Maria Eduarda Martins é graduada na Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; atua como docente no projeto de extensão Cursinho Popular Equalizar, é docente de língua inglesa e integra o GPELL – Grupo de Pesquisa e Extensão do Letramento Literário.

Fernanda Gonçalves Ramos é graduada pela Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atua como docente no projeto de ensino para jovens e adultos do Centro Pedagógico da UFMG, onde desenvolve projetos educacionais voltados para a alfabetização desse público. Integra o GPELL — Grupo de Pesquisa e Extensão em Letramento Literário — e participa do grupo de pesquisa sobre a polarização política de 1930 e a literatura brasileira, sob orientação do Doutor Sérgio Alcides Pereira do Amaral (FALE-UFMG), sendo responsável pela pesquisa sobre a escrita de Cecília Meireles.